

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM MATERNO-INFANTIL E SAÚDE
PÚBLICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM OBSTÉTRICA
MODALIDADE RESIDÊNCIA**

EMANUELLE CRISTINA COELHO

**“Nise, o coração da loucura”: reflexões sobre o filme e inspirações
para uma necessária reforma obstétrica no Brasil**

Belo Horizonte
2020

EMANUELLE CRISTINA COELHO

**“Nise, o coração da loucura”: reflexões sobre o filme e inspirações
para uma necessária reforma obstétrica no Brasil**

Monografia apresentado à apresentada à Escola de
Enfermagem Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial à obtenção do título de
Especialista em Enfermagem Obstétrica.
Orientadora: Kleyde Ventura de Souza

Belo Horizonte
2020

Coelho, Emanuelle Cristina.
C672n "Nise, o coração da loucura" [manuscrito]: reflexões sobre o filme e inspirações para uma necessária reforma obstétrica no Brasil. / Emanuelle Cristina Coelho. - - Belo Horizonte: 2020. 28 f.
Orientador (a): Kleyde Ventura de Souza.
Área de concentração: Enfermagem Obstétrica.
Monografia (especialização): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem.

1. Reforma dos Serviços de Saúde. 2. Saúde Mental. 3. Obstetrícia. 4. Enfermagem Obstétrica/história. 5. Parto. 6. Institucionalização. 7. Dissertação Acadêmica. I. Souza, Kleyde Ventura de. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. III. Título.

NLM: WY 157



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE ENFERMAGEM
Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica -
Modalidade Residência

Av. Prof. Alfredo Balena, 190 - Santa Efigênia
CEP: 30.130-100. Belo Horizonte - Minas Gerais – Brasil.
Tel.: 3409-9861 Fax: 3409-9859. e-mail: ee.reoufmg@gmail.com



ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Aos 04 dias do mês de junho de 2020, em sessão pública virtual em tempos de pandemia de corona vírus, a Comissão Avaliadora composta pela Profª Drª Kleyde Ventura de Souza (orientadora), Ms. Ana Luiza Nunes Abreu e Profª Drª Érica Dumont Pena, reuniu-se para avaliação do trabalho final intitulado “Nise, o coração da loucura: reflexões sobre o filme e inspirações para uma necessária reforma obstétrica no Brasil”, da aluna **EMANUELLE CRISTINA COELHO** do Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica – modalidade residência. A avaliação do trabalho obedeceu aos critérios definidos pela Coordenação do Programa, a saber: I) Quanto ao documento escrito: redação e observância de normas da ABNT/Vancouver; relevância do tema; delimitação do problema e/ou justificativa; revisão de literatura (abrangência, pertinência e atualização); descrição da metodologia (coerência com objetivos); resultados alcançados e considerações finais. II) Quanto à apresentação oral: estruturação e ordenação do conteúdo da apresentação, coerência com o trabalho escrito. No processo de avaliação, a residente obteve um total de 80 pontos, conceito B, sendo considerada **Aprovada**. Eu, Kleyde Ventura de Souza, lavrei a presente ata que vem assinada por mim, pelas avaliadoras e pela aluna.

Belo Horizonte, 04 de junho de 2020.

Profª Drª Kleyde Ventura de Souza
Orientadora

Ms. Ana Luiza Nunes Abreu
Avaliadora

Profª Drª Érica Dumont Pena
Avaliadora

Emanuelle Cristina Coelho
Especializanda Residente

RESUMO

O filme “Nise, o coração da loucura” aborda o trabalho de Nise da Silveira iniciado em 1944 no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, momento em que ela retoma o exercício de sua função como psiquiatra na instituição. Seu regresso ao trabalho é marcado por espanto quando se depara com procedimentos considerados inovadores, comumente realizados à época na prática psiquiátrica, mas que desrespeitavam o paciente como ser humano (eletroconvulsoterapia, choque insulínico e lobotomia), os quais ela veementemente discordava, e que por seu protagonismo, mais tarde foi reconhecido como anti-psiquiatria. No mesmo período, o cenário brasileiro de atenção obstétrica também apresentava marcas dessa lógica medicalizante percebida-se a crescente institucionalização do parto. Nesse contexto, o parto como evento fisiológico passou a ser entendido como patológico, com consequente privação da liberdade, autonomia e protagonismo da mulher, utilização acrítica de procedimentos invasivos, muitos deles desnecessários e realizados de forma rotineira. A transição para o modelo tecnocrático não foi um processo passivo, nem baseado em alguma evidência de que o parto controlado pela medicina era mais seguro para mães ou bebês. A alta taxa de mortalidade infantil no Brasil, a morte materna e o alto índice de mortes infantis evitáveis tem sido relacionados como consequência de intervenções em excesso ou desnecessárias no parto. A partir da década de 1990, a atenção ao parto e nascimento tem passado por transformações, sendo pauta da agenda política de saúde brasileira. Em resposta à esta mobilização e a insatisfação de muitas mulheres com a concepção biomédica, uma crescente demanda por humanização e reapropriação de nascimentos é observada. Na tentativa de reduzir a mortalidade materna e perinatal, garantir melhoria de qualidade, universalidade e humanização da assistência à gravidez, parto e puerpério; uma das estratégias do Ministério da Saúde foi incentivar e financiar a formação de enfermeiras obstetras. Este estudo tem como objetivo refletir sobre as semelhanças percebidas pela autora entre a atenção psiquiátrica protagonizada por Nise da Silveira no filme “Nise: o coração da loucura” e a atenção obstétrica brasileira e a influência desta experiência em seu processo de formação no Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica - Modalidade Residência. Trata-se de um artigo teórico-reflexivo, realizado por meio de leitura crítica e interpretação da autora, a partir do filme “Nise: o coração da loucura”, sobre as mudanças nos paradigmas na assistência psiquiátrica e na assistência obstétrica e os desafios para uma atenção humanizada, que evoluíram ou tem evoluído para uma forma mais respeitosa, com práticas alternativas e complementares em saúde. A construção deste artigo permitiu conhecer uma fase importante da trajetória profissional de Nise da Silveira, suas contribuições não só para a atenção psiquiátrica mas principalmente para Reforma Psiquiátrica brasileira. Possibilitou também uma aproximação com momentos importantes na história da Enfermagem Obstétrica no Brasil, como o modelo de atenção obstétrica vem evoluindo e a importância no processo de formação em Enfermagem Obstétrica nesse contexto.

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica; Nise da Silveira; Parto, Obstetrícia.

ABSTRACT

The film “Nise, the heart of madness” addresses the work of Nise da Silveira started in 1944 at the Hospital Psiquiátrico Pedro II, in Rio de Janeiro, when she resumed her role as a psychiatrist at the institution. Her return to work is marked by amazement when she is faced with procedures considered innovative, commonly performed at the time in psychiatric practice, but which disrespected the patient as a human being (electroconvulsive therapy, insulin shock and lobotomy), which she strongly disagreed with, and which its leading role was later recognized as anti-psychiatry. In the same period, the Brazilian scenario of obstetric care also showed signs of this medicalizing logic, there was a growing institutionalization of childbirth. In this context, childbirth as a physiological event came to be understood as pathological, with consequent deprivation of freedom, autonomy and protagonism for women, uncritical use of invasive procedures, many of them unnecessary and performed routinely. The transition to the technocratic model was not a passive process, nor was it based on any evidence that medical-controlled delivery was safer for mothers or babies. The high rate of infant mortality in Brazil, maternal death and the high rate of preventable infant deaths have been linked as a result of excessive or unnecessary interventions in childbirth. Since the 1990s, attention to childbirth and birth has undergone transformations, being on the agenda of the Brazilian health policy agenda. In response to this mobilization and the dissatisfaction of many women with the biomedical conception, an increasing demand for humanization and reappropriation of births is observed. In an attempt to reduce maternal and perinatal mortality, ensure improved quality, universality and humanization of care for pregnancy, childbirth and the puerperium; one of the Ministry of Health's strategies was to encourage and finance the training of obstetric nurses. This study aims to reflect on the similarities perceived by the author between the psychiatric care starring Nise da Silveira in the film “Nise: the heart of madness”, the Brazilian obstetric care and the influence of this experience in her training process in the Specialization Course in Obstetric Nursing - Residence Modality. This is a theoretical-reflective article, carried out through critical reading and interpretation by the author, based on the film “Nise: the heart of madness”, about the changes in paradigms in psychiatric care and obstetric care and the challenges for humanized care, which has evolved or has evolved to a more respectful way, with alternative and complementary health practices. The construction of this article allowed to know an important phase of Nise da Silveira's professional trajectory, her contributions not only for psychiatric care but mainly for Brazilian Psychiatric Reform. It also made it possible to approach important moments in the history of Obstetric Nursing in Brazil, how the obstetric care model has been evolving and the importance in the training process in Obstetric Nursing in this context.

Keywords: Psychiatric Reform; Nise da Silveira; Childbirth, Obstetrics

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DESENVOLVIMENTO.....	12
3 BREVE CONTEXTO DO MODELO DE ATENÇÃO OBSTÉTRICA BRASILEIRA	14
4 RECORTES DO FILME “NISE, O CORAÇÃO DA LOUCURA”	16
4.1 Cena I.....	16
4.2 Cena II	17
4.3 Cena III.....	18
4.4 Cena IV.....	20
4.5 Cena V	21
5 NISE: POTÊNCIA QUE INSPIRA NOVOS MODOS DE FAZER	22
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	26

1. INTRODUÇÃO

O filme fictício “Nise, o coração da loucura”, estreado em 2015 e dirigido por Roberto Berliner, foi baseado no livro “Nise – Arqueóloga dos Mares”, de autoria do jornalista Bernardo Horta, aborda o trabalho de Nise da Silveira iniciado em 1944 no Hospital Psiquiátrico Pedro II, no bairro Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, momento em que ela retoma o exercício de sua função como psiquiatra na instituição, após ter sido afastada pela Ditadura Vargas. Durante o período que esteve no exílio, Nise pôde sentir profundamente como o isolamento do mundo exterior conferia um caráter de exclusão ao indivíduo e também, como as relações afetivas e a necessidade de se manter em interação auxiliavam em seu estado psíquico (GOMES; BRITO, 2019, MELO, 2010).

No filme, seu regresso ao trabalho é marcado por espanto quando se depara com procedimentos considerados inovadores, comumente realizados à época na prática psiquiátrica, mas que desrespeitavam o paciente em seus direitos humanos básicos, realizados sem o consentimento do mesmo, com violações da autonomia, com cárcere e exclusão da singularidade do sujeito. Eletroconvulsoterapia, choque insulínico e lobotomia eram algumas dessas práticas com as quais Nise veementemente discordava, e que por sua atuação, mais tarde foi reconhecido como anti-psiquiatria (SARTORI, 2020, MELO; FERREIRA, 2013). Esses procedimentos além de deixarem os pacientes menos agressivos também lhes oferecia capacidade de receber alta hospitalar em função da docilização de seus comportamentos. Neste período, a efetividade do tratamento era avaliada conforme o número de altas médicas (também havia interesse da administração pública nas altas, já que a superlotação dos hospitais psiquiátricos era um grande problema da época) (SARTORI, 2020).

Nise da Silveira utilizava a terapêutica ocupacional como possibilidade de expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que, segundo a autora, encontram-se mergulhados nas profundezas do inconsciente (OLIVEIRA; MELO JUNIOR; VIEIRA-SILVA, 2017) Seu método de trabalho foi fundamentado no tripé terapêutico, composto pelas categorias: afetividade, atividade e liberdade. Para abordar a afetividade ela trabalhava de três maneiras: ambiente acolhedor, afetivo, e o terapeuta atuando como catalisador ou inibidor. Neste contexto, os animais foram inseridos também, como coterapeutas, devido ao vínculo que também era estabelecido e funcionava como afeto catalisador. O resultado desta terapêutica possibilita ver o impacto dos afetos no psiquismo e os modos criativos de superação das tensões que causam sofrimento (OLIVEIRA; MELO JUNIOR; SILVA, 2017).

No STO (espaço de reabilitação dos clientes do Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro), também chamado de Casa das Palmeiras, as atividades se restringiam a colocar os

internos para lavar os banheiros, varrer quartos e arrumar camas. Com sua chegada ao setor, Nise optou por valorizar e incentivar a relação de afeto a fim de promover um estímulo de vida para os internos, inventou um espaço terapêutico e inovador, conseguiu introduzir métodos mais humanizados a esses pacientes, respeitando o paciente como um ser humano, que possui vontades, personalidade, aptidões, dentre outros aspectos. (SARTORI, 2020).

Após iniciar com a nova abordagem terapêutica o espaço passou a ser visto como ateliê de pintura, desenho, modelagem com argila e encadernando livros; além da oportunidade de circulação pelo espaço urbano e estímulo a liberdade para expressar as ideias e sentimentos. (MELO, 2010; SARTORI, 2020)

Por esta discordância, Nise foi realocada para o setor de terapia ocupacional (STO) do hospital, e a partir daí um novo modo de fazer foi construído, baseado na clínica proposta por ela. Das oficinas e práticas artísticas surgiram artistas que produziram as obras que hoje compõem o Museu de Imagens do Inconsciente do Centro Psiquiátrico Nacional (MELO, 2010; SARTORI, 2020).

Foi através da evolução do quadro clínico dos clientes – assim Nise intitulava aqueles que eram reconhecidos como pacientes – que a psiquiatra comprovou a eficácia de seus métodos terapêuticos e evidenciou que o estado menos agressivo apresentado após a eletroconvulsoterapia ou choque insulínico ou lobotomia tornavam os clientes autômatos, já que perdiam a capacidade de síntese dos pensamentos, das emoções, da abstração, da criação e do planejamento (SARTORI, 2020).

Historicamente, a clínica de Nise trouxe dispositivos terapêuticos que contribuíram para transformação institucional da psiquiatria brasileira, sendo portanto considerada uma referência para as práticas transformadoras em saúde mental (MELO; FERREIRA, 2013). Nesse sentido, a assistência Psiquiátrica passou por progressivas transformações no Brasil durante a segunda metade do século XX e continua progredindo, estes avanços contribuíram para a reforma psiquiátrica, o aprimoramento das práticas em saúde mental e conduziu os profissionais da área para condutas mais humanizadas, com perspectivas ampliadas de desospitalização das pessoas em sofrimento psíquico. Iniciada nos anos 1960, a Reforma Psiquiátrica originou um novo modelo assistencial no campo da saúde mental que envolvia definições alternativas em relação aos manicômios. Vale lembrar que neste período os pacientes eram tratados em segregação asilar. Desde então, os leitos em hospitais psiquiátricos estão sendo reduzidos gradativamente. (ANTUNES; QUEIROZ, 2007). Desde então a Luta antimanicomial se mantém firme, construindo Políticas estratégicas que tornem possível a desinstitucionalização dos clientes. Um marco recente, entendido como uma

vitória da Luta antimanicomial, foi o fechamento do Hospital Psiquiátrico Galba Veloso, em Belo Horizonte/MG, como o objetivo de abrir os leitos disponíveis para tratamento da pandemia causada pelo Coronavírus (CRP-MG, 2020).

Assim como na assistência psiquiátrica da década de 1950, no mesmo período, o cenário brasileiro de atenção obstétrica apresentava marcas dessa lógica medicalizante, em que são supervalorizadas e hierarquizadas as práticas intervencionistas da medicina sobre os corpos das mulheres, com consequências radicais no cuidado sobre elas e seus bebês (PASCHE, 2010). Percebia-se a crescente institucionalização do parto e, desse modo o fortalecimento do modelo tecnocrático marcado pela privação da liberdade, restrições da autonomia e negação do protagonismo da mulher, utilização acrítica de procedimentos invasivos, muitos deles desnecessários e realizados de forma rotineira (NIY et al, 2019; BRASIL, 2016; OMS, 2000). Nesse contexto, o parto que antes era compreendido como evento fisiológico passou a ser potencialmente patológico, com supremacia da técnica medicalizada, o que trouxe grandes prejuízos à saúde das mulheres durante o ciclo gravídico-puerperal (WHO, 2018; AGUIAR, 2010).

A partir da década de 1990, a atenção ao parto e nascimento passa por transformações, sendo pauta de movimentos sociais e diversas discussões relevantes da agenda política de saúde brasileira. Em resposta a esta mobilização, em 1993, foi criada a Rede pela Humanização do Parto e Nascimento (ReHuNa), que visa estimular a discussão e a experimentação de um novo modelo de atenção obstétrica no Brasil, que permita às mulheres vivenciarem a experiência da gravidez, parto e nascimento com segurança e dignidade. Ao final desta mesma década, na tentativa reduzir a morbimortalidade materno-infantil, taxas abusivas de cesarianas e outras intervenções desnecessárias, o Ministério da Saúde (MS) passou a adotar um conjunto de estratégias e investimentos, dentre elas a formação e inserção de Enfermeiras Obstétricas, oficialização da assistência ao parto pela enfermeira obstétrica no SUS e a criação dos Centros de Parto Normal (CPN) (PASCHE, 2010). Em 2011, o Ministério da Saúde criou a Rede Cegonha com o propósito de implementar uma rede de cuidados que assegure às mulheres o direito ao planejamento reprodutivo e a atenção humanizada à gravidez, parto e puerpério (BRASIL, 2013).

Dentre outras estratégias e movimentos que surgiram à medida que se avançavam as discussões para melhoria da assistência, destaca-se a Política Nacional de Humanização (PNH), lançada em 2003, com o intuito de produzir mudanças nos modos de gerir e cuidar em saúde. Confiando aos trabalhadores a capacidade de analisar, definir e qualificar os processos de trabalho, trouxe como uma de suas diretrizes a Valorização do Trabalhador, que propõe a

inclusão dos trabalhadores na tomada de decisão e busca dar visibilidade as suas experiências, assegurando sua participação nos espaços coletivos de gestão. As diretrizes e dispositivos da PNH passam a ser experimentados e reinventados, promovendo a discussão dos processos de trabalho, no cotidiano dos serviços de saúde por meio de cursos e oficinas de formação/intervenção, o que tomou seus agentes construtores de novas realidades em saúde (BRASIL, 2010).

Para Pasche (2010), a PNH contribui para uma perspectiva de reversão do atual panorama de assistência obstétrica. No Brasil, algumas experiências de instituições que buscam o trabalho integrado enfermeiras, médicos e outros profissionais, como as doulas, na assistência ao parto, vêm sendo efetuadas como práticas institucionais, o que reafirma as políticas públicas até então formuladas. Entretanto, serviços que atuam nessa perspectiva ainda são exceção no país e as práticas assistenciais atualizadas pouco sistematizadas na formação dos profissionais.

Considerando as transformações observadas na assistência psiquiátrica e obstétrica, a mudança de paradigmas ainda necessária na atenção ao parto e nascimento e a formação como potente processo interventivo nos serviços que pode contribuir para melhoria nos indicadores materno infantis, surge a questão norteadora: Quais características observadas entre os dilemas vividos e retratados no filme “Nise – O coração da loucura” contribuem com reflexões no processo de formação da autora?

Este estudo tem como objetivo refletir sobre as semelhanças percebidas pela autora entre a atenção psiquiátrica protagonizada por Nise da Silveira no filme “Nise: o coração da loucura” e a atenção obstétrica brasileira e a influência desta experiência em seu processo de formação no Curso de Especialização em Enfermagem Obstétrica - Modalidade Residência.

2. DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um artigo teórico-reflexivo, realizado por meio de leitura crítica e interpretação da autora, a partir do filme “Nise: o coração da loucura”, sobre as mudanças nos paradigmas na assistência psiquiátrica e na assistência obstétrica e os desafios para uma atenção humanizada, que desenvolveram ou estão em processo para um modelo mais respeitoso, com práticas alternativas e complementares em saúde.

Foram utilizados trabalhos publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-americana em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed. Utilizou-se também outras fontes de informação, como livros, manuais, teses e dissertações, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde.

A proposta desta reflexão surgiu a partir da participação da autora em Oficinas do Curso de Aprimoramento da Enfermagem Obstétrica, onde foi sugerido aos participantes assistir ao filme "Nise - o coração da loucura" e analisar a obra comparando com o contexto da Assistência Obstétrica vivenciado em seu cotidiano.

O projeto ApiceOn – Aprimoramento e Inovação no Cuidado e Ensino em Obstetrícia e Neonatologia está inserido num contexto caracterizado por problemas permanentes identificados no cenário social e epidemiológico-sanitário relacionado à atenção obstétrica e neonatal no Brasil, como a Mortalidade Materna, Mortalidade Neonatal, Planejamento Reprodutivo, Modelo de Assistência Obstétrica, Violência Sexual e Atenção Humanizada ao Abortamento. Trata-se de uma iniciativa do Ministério da Saúde em parceria com a Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), Associação Brasileira de Hospitais Universitários de Ensino (ABRAHUE), Ministério de Educação e Cultura (MEC) e Instituto Fernandes Figueira, da Fundação Oswaldo Cruz (IFF/ FIOCRUZ), sendo a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como instituição executora, e busca introduzir inovações nas práticas de ensino, cuidado e gestão do trabalho com o intuito de reverter o modelo tradicional de formação e assistência obstétrica e neonatal. É baseado em três dimensões estruturantes que contribuem para minimizar o distanciamento entre a universidade, os serviços e a comunidade, são eles: formação, atenção e gestão, desta forma, propõem a qualificar os campos de atenção, ampliar o alcance de atuação dos hospitais na rede SUS e também reformular e/ou aprimorar processos de trabalho e fluxos para adequação de acesso, cobertura e qualidade do cuidado. O Curso de Aprimoramento para Enfermeiras Obstétricas (CAEO) realiza-se no âmbito do Projeto ApiceON (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019).

Nesse artigo será apresentado algumas características em comum entre o modelo de atenção obstétrica e o modelo de atenção psiquiátrica brasileira, sua evolução ao longo dos anos, estratégias que tem sido desenvolvidas para progressivas melhorias na atenção em saúde. Para tal, foram extraídos recortes do filme que dialogam com a temática e subsidiaram as reflexões, permitindo que os acontecimentos inspiradores no processo de formação da autora sejam apontados e que as provocações provenientes dessa experiência sejam discutidas.

3. BREVE CONTEXTO DO MODELO DE ATENÇÃO OBSTÉTRICA BRASILEIRA

Até o século XIX, o acompanhamento do parto e nascimento era realizado por parteiras no Brasil. Já em meados do século XX esse processo passa a ser institucionalizado progressivamente (INAGAKI et al, 2018). Com a transição para assistência tecnocrática a mulher e o bebê deixaram de ser o centro da assistência, ocorrendo também o controle profissional e institucional, do ato do parto, com expropriação da mulher em seu protagonismo. Este modelo também é marcado por muitas intervenções desnecessárias e prejudiciais que, resultam em altas taxas de cesárias e submissão à cirurgia com indicações duvidosas, dentre outros malefícios (PASCHE, 2010, SOCORRO; MATOS; MACHADO, 2018).

Certamente, os avanços da obstetria, quando utilizados adequadamente, contribuíram com conhecimento e tecnologia inestimáveis que salvaram ou melhoraram a vida de inúmeras mães e bebês (SOCORRO; MATOS; MACHADO, 2018).

A transição para o modelo tecnocrático não foi um processo passivo, nem baseado em alguma evidência de que o parto controlado pela medicina era mais seguro para mães ou bebês. Na verdade, a educação médica, e particularmente o ensino e treinamento em obstetria eram carentes (CARDOSO et al, 2017). Para que a educação obstétrica - e, portanto, a reputação e a posição dos obstetras no Brasil - melhorassem, os médicos precisariam ter a oportunidade de assistir a mais partos. E assim, a hospitalização para todos os partos foi recomendada (ANDRADE et al, 2016).

A alta taxa de mortalidade infantil (TMI) no Brasil de 14/1.000, a morte materna de 60/100.000, mesmo em diminuição lenta ao longo dos anos (já que o recomendado seria uma razão < 20 óbitos por 100.000 nascidos vivos), e o alto índice de mortes infantis evitáveis, relacionam-se possivelmente como consequência de intervenções em excesso ou desnecessárias no parto e nascimento. Nesse sentido efeitos iatrogênicos, aumento da morbidade materna e infantil, como a prematuridade iatrogênica, a internação de bebês em UTI, a hemorragia e infecção maternas, podem estar associados à hipermedicalização da assistência ao parto e à violência obstétrica. É crescente a demanda por transformações no modelo assistencial vigente e, para tal, é necessário avançar na qualidade e na segurança da assistência (LANSKY et al, 2019)

A partir do final da década de 1970, a insatisfação de muitas mulheres com essa concepção biomédica começa a ser ouvida, e uma crescente demanda por humanização e reapropriação de nascimentos é observada (NETO et al, 2016). Na tentativa de reduzir a

mortalidade materna e perinatal, garantir melhoria de qualidade, universalidade e humanização da assistência à gravidez, parto e puerpério; em 1999 o MS não só criou os CPN como também incentivou e financiou a formação de enfermeiras obstétricas na mesma época, como estratégia, no âmbito do SUS (INAGAKI, et al, 2018). Outro ponto positivo com esse avanço foi uma considerável redução da mortalidade materna e perinatal, garantindo melhoria de qualidade, universalidade e humanização da assistência à gravidez, parto e puerpério. Ao longo dos anos o governo tem buscado qualificar a assistência à saúde materno infantil pautados na prática baseada em evidências, criando legislações, diretrizes oficiais e incentivando a adesão às “Boas práticas de atenção ao parto e ao nascimento”, recomendações elencadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) desde a década de 1990 (PEDROSO, LÓPEZ, 2017).

Ainda sobre a formação de profissionais da assistência obstétrica, em 2013, a perspectiva de intervenção no processo de trabalho incentivou que o MS retomasse o investimento na formação de enfermeiras obstétricas com a criação dos cursos de residência, especialização e aprimoramento em enfermagem obstétrica (INAGAKI, et al, 2018). Desta forma, o MS (Departamento de Gestão da Educação em Saúde/SGTES/MS) propôs às Instituições de Ensino Superior desenvolverem a Residência em Enfermagem Obstétrica, pós graduação *latu sensu* para a formação de especialistas, cujas bolsas seriam financiadas pelo Ministério da Educação (MEC).

Estudo realizado por Sandall et al (2015) comparou modelos de cuidados de continuidade liderados por parteiras com outros modelos de cuidados para mulheres em idade fértil juntamente com seus bebês. Demonstrou que as mulheres que tiveram acompanhamento conduzido por parteiras apresentaram menor probabilidade de analgesia intraparto, parto vaginal instrumental, amniotomia, episiotomia, nascimento prematuro, perda fetal menor que 24 semanas e óbito neonatal. Por outro lado, apresentaram maior probabilidade de parto vaginal espontâneo, com maior tempo médio de trabalho (horas), maior probabilidade de ser atendida ao nascimento por uma parteira conhecida e maior taxa de satisfação materna.

Com os avanços científicos e tecnológicos, a assistência em enfermagem na obstetria desenvolve-se com ênfase em uma assistência de qualidade, satisfatória e capaz de entender o ser humano como um todo, voltada para o cuidado integral. Para tal, as políticas públicas brasileiras de saúde da mulher, preconizadas pelo Ministério da Saúde, são fundamentais iniciativas para melhorar o cenário do parto, que por muito tempo, traz a marca intervencionista, pouco humanizada, sendo as elevadas taxas de cesáreas expressão dessa realidade (LEAL et al., 2014). É importante destacar que experiências negativas de parto,

propagadas pela cultura ao longo da história, influenciam fortemente o desejo pela cirurgia cesariana pelas mulheres, já que esta se tornou uma possibilidade de fuga da violência ou maus tratos durante o parto (WHO, 2018; PEDROSO, LÓPEZ, 2017).

Para tal mudança desse contexto, o enfermeiro obstetra torna-se ator primordial para a implantação e consolidação de uma atenção humanizada no pré-natal e no parto, na melhoria da qualidade do atendimento, além de contribuir para a redução do risco de procedimentos sem o consentimento do paciente, gerando mais autonomia e confiança às mulheres e um parto mais seguro (SOUSA et al, 2016, SANDALL et al, 2015).

4. RECORTES DO FILME “NISE, O CORAÇÃO DA LOUCURA”

O saber psiquiátrico na década de 1950 era totalmente tecnocrático, os pacientes eram submetidos à segregação asilar, visavam métodos que focavam em intervenção no corpo e, sobretudo no cérebro. Os procedimentos e condutas indicadas para “tratar” ou “curar” determinados comportamentos não valorizavam a investigação de suas sequelas e seu impacto na vida das pessoas e suas famílias. Foram essas experiências, sustentadas pelos paradigmas da época, que contribuíram para legitimar e conferir reconhecimento da Psiquiatria como especialidade médica (SARTORI, 2020), apesar das inúmeras violações de direitos aos pacientes.

Essas práticas são retratadas no filme em debate (SARTORI, 2020) e serão descritas neste subcapítulo algumas cenas eleitas que despertaram deslocamentos na autora (provocações, reflexões, incômodos e inspirações) que subsidiaram as discussões apresentadas

4.1 CENA I

O filme retrata a resistência a um modo de fazer na jornada de Nise já na cena inicial do filme, onde se tem uma pequena amostra dos embates que ela iria enfrentar ao longo do seu percurso. Quando ela chega ao Hospital Psiquiátrico Pedro II, precisa bater insistentemente ao portão, cada vez mais forte, para que fosse atendida. Quando adentra à Instituição é evidente seu assombro no percurso até o auditório onde encontraria os colegas de trabalho, todos homens brancos, e se depara com uma ambiência sombria, marcada pelo isolamento, uso de força e métodos desrespeitosos para controlar os clientes internados.

Para Nise era notório que o ambiente hospitalar impedia a criação de condições necessárias para estabelecer um tratamento eficaz do sofrimento e dos transtornos psiquiátricos. e carecia de valorização da liberdade, dos aspectos afetivos e expressivos dos

sujeitos. Afinal, o tratamento também teria como objetivo a reinserção do sujeito à sociedade. A abordagem terapêutica proposta por Nise não poderia ocorrer no tradicional ambiente do manicômio. Seria necessário criar um ambiente favorável à terapêutica: criativo, acolhedor, empático, que permitisse que cada sujeito expressasse sua capacidade relacional (MELO; FERREIRA, 2013).

A valorização da ambiência constitui uma das diretrizes norteadoras da humanização, conceituada pela PNH como “...ambiente físico, social, profissional e de relações interpessoais que deve estar relacionado a um projeto de saúde voltado para a atenção acolhedora, resolutiva e humana” (BRASIL, 2008, pg. 51). O modelo pensado por Nise corrobora com a proposta pelo MS na Política de Atenção ao Parto e Nascimento, onde preconiza que a ambiência adotada neste momento minimiza o risco e a patologização dos corpos das gestantes, possibilitando o resgate do protagonismo da mulher durante este período. A organização dos espaços físicos é essencial em um modelo de atenção que respeita a privacidade, a dignidade e a autonomia da mulher ao parir, com ambiente mais acolhedor e confortável e suporte do acompanhante de livre escolha, em todos os momentos (BRASIL, 2014).

Esta cena provocou na autora a reflexão sobre a sensibilidade que o Enfermeiro Obstetra precisa desenvolver, através da escuta qualificada e presença implicada, para perceber o ambiente em que a gestante está inserida e como este influencia em sua saúde e trabalho de parto, para que, assim, possa oferecer o cuidado de Enfermagem adequado.

4.2 CENA II

Quando Nise entra no auditório onde ocorriam palestras, todos profissionais ali presentes se viram e a encaram. Em seguida ela é apresentada pelo diretor aos colegas, sendo possível constatar naquele momento, que ela era a única mulher presente na sala. As explanações dos colegas psiquiatras e neurologistas seguem, a fim de demonstrar a todos como se desenvolvia e determinava as indicações e aplicação da lobotomia e eletroconvulsoterapia. Intrigada com a forma que os procedimentos eram realizados para se obter essas informações, Nise questiona sobre o método utilizado para se alcançar os resultados, e o colega lhe responde ter sido com a prática e a observação e que, apesar de assustador, eles se acostumariam.

Diante da cena citada acima, emergiram questionamentos que levam a pensar o quanto é assustador o fato de procedimentos violentos terem sido aceitos e banalizados, praticados e presenciados por vários profissionais, durante gerações, que não se incomodavam

com o sofrimento alheio ou se acomodavam com o modo padrão vigente. Por outro lado, conforme interpretação da autora, a partir de sua trajetória profissional, surge a reflexão acerca do profissional que atua desta forma e que por vezes também ocupa posição de preceptor. Ignorar sua capacidade de se afetar, sua humanidade e empatia, pode conseqüentemente, diminuir seu poder de agir e exercer agressividade cada vez mais com seus pacientes.

Um outro ponto importante a se ressaltar é que Nise optou por não ter filhos, era casada com Mario, um médico sanitarista; ambos se formaram na mesma turma, de 150 homens, da Faculdade de Medicina da Bahia, onde ela foi a primeira aluna mulher a se formar. No mesmo período, a sociedade brasileira além de tratar as mulheres como socialmente inferiores, era extremamente conservadora e patriarcal; as mulheres deveriam cumprir funções sociais de esposas, mães e cumpridora de tarefas domésticas, as mulheres que podiam trabalhar se dedicavam em profissões que não exigissem força física ou que não fossem tradicionalmente realizadas pelos homens, como o magistério, por exemplo. Aos homens era reservado o privilégio de atuar onde fosse de seu desejo (GOMES; BRITO, 2019).

“Valores sexistas, diferentes mecanismos caracterizam sexualmente os gestos ou impõem papéis que reforçam os sentidos de mulher sensível, frágil e emotiva, em contraposição ao homem forte, racional e produtivo.” A relação de poder exercida pelos homens está presente em toda a obra, inclusive, quando assumiu o STO Nise não teve dificuldade de exercer sua autoridade, pois o setor sendo visto apenas como um lugar para se realizar atividades meramente braçais, não era cobiçado por outros profissionais da Instituição. A primeira ajuda que recebeu foi da enfermeira Ivone, uma mulher negra, colaborativa e acessível. Quando a Psiquiatra obtém êxito ao dar voz aos internados, seus colegas médicos lhe boicotam, ao que ela responde “o meu instrumento de trabalho é o pincel. O seu, é o picador de gelo”, ou seja, os resultados obtidos por eles eram fruto do poder que exerciam sobre os pacientes com procedimentos violentos e uso da força (GOMES; BRITO, 2019).

E assim como na saúde mental, a relação de poder masculina sobre os corpos femininos é observada na obstetrícia, onde a medicalização e as intervenções excessivas são equivocadamente justificadas como necessárias em todos os casos para um parto seguro e na redução de danos à mulher, mesmo com evidências científicas, disponíveis desde 1985 e constantemente atualizadas dizendo o contrário, em que orientam uma atenção segura e respeitosa (PASCHE, 2010, SOCORRO; MATOS; MACHADO, 2018).

Pôde-se observar também que o contexto apresentado no filme se compara a situações reais percebidas no cenário do parto, atualmente nomeado como violências obstétricas: o desrespeito à autonomia da mulher, o descaso com o paciente e a indiferença ao ver outra pessoa sentir dor e nada fazer; a falta de informação de qualidade, orientação e consentimento antes de procedimentos. Tudo isso contribui negativamente na mudança do modelo e reforça uma urgência de transformação dos percursos formativos em saúde.

No entanto, situações desagradáveis, incômodas, como a violência contra as mulheres no momento do parto, assim como a violência contra os doentes mentais na saúde mental, podem promover deslocamentos que movem as os profissionais a se dedicarem à mudança de modelos assistenciais.

4.3 CENA III

Em conversa com o diretor do hospital, Nise relata não acreditar nos tratamentos e terapias praticadas e se recusa a aplicá-las. O mesmo lhe responde que devido a sua postura seria mais prudente então que ela mudasse de setor e lhe oferece gerenciar um setor de baixo valor social (inclusive alega estar aquém de sua capacidade) como alternativa. Tratava-se do Setor de Terapia Ocupacional (STO), que até então era gerenciado por enfermeiros e funcionava como espaço de reabilitação dos clientes do Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro.

A fala do Diretor reflete a insignificância do setor para os médicos na época, já que não viam necessidade no desenvolvimento de atividades que despertassem o interesse dos doentes e valorizavam mais o uso de tecnologias duras. As atividades naquele setor se restringiam a colocar os internos para lavar os banheiros, varrer quartos e arrumar camas. Com sua chegada ao setor, Nise optou por valorizar e incentivar a relação de afeto no intuito de promover um estímulo de vida para os internos. Inventou um espaço terapêutico e inovador, conseguiu introduzir métodos mais humanizados a esses pacientes, respeitando-os como sujeitos de direitos e desejos, com subjetividades e aptidões singulares (SARTORI, 2020).

No filme é possível perceber que em seu percurso Nise não só aceitou o desafio de voltar a atuar como Psiquiatra na Casa das Palmeiras num contexto em que discordava dos métodos terapêuticos praticados na época, como também, desenvolveu novas abordagens para aplicar com seus clientes. Assim, produziu rupturas dos paradigmas até então instituídos,

inovou, e produziu ciência por meio dos estudos que realizou e da participação ativa dos clientes.

4.4 CENA IV

Na produção cinematográfica, Nise se direciona ao STO para iniciar seu trabalho no locale encontra a enfermeira Ivone lixando a unha de um lado e o funcionário Lima fumando do outro, ambos indiferentes à insalubridade do ambiente e aos pacientes sentados no chão ou vagando pelo cômodo, ociosos. Nise os convida a sentarem para breves apresentações. Lima se recusa de imediato, dando um sinal de oposição a esse novo modo de fazer. Após relatarem as atividades que costumam realizar com os pacientes, Nise propõe a limpeza do ambiente para acolhe-los, construirmos as atividades e iniciarem o trabalho. Lima se opõe novamente, alegando que limpeza não era sua função.

Nise encontra seus colegas médicos e explica que pretende realizar terapia ocupacional com o intuito de ajudar na evolução dos pacientes. Solicita que eles contribuam, informando nos formulários disponibilizados e prontuários, subsídios pertinentes para direcionar sua abordagem. Encabulados com essa nova abordagem, seus colegas reagem com deboche e subestimam a terapêutica proposta.

É importante destacar a coragem da médica frente aos colegas, sobretudo por naquela época, sendo mulher, nordestina, apresentar ideias tão distintas das tradicionais, disseminadas por psiquiatras reconhecidos, em um país extremamente conservador e machista. Foi um ato revolucionário. uma provocação, um desafio e um chamado às pessoas que desejassem se unir a ela nesta jornada. Não foi em vão que se tornou uma grande protagonista da Reforma Psiquiátrica e um símbolo histórico inspirador.

Essa coragem necessária para lutar e resistir na mudança de paradigmas trata-se de uma competência que emerge potencialmente das experiências vivenciadas por um sujeito. Conforme Santos e Souza (2020), a competência é algo construído e tem relação direta com a prática. Após confrontos com situações vivenciadas, surge como estratégia para lidar com a demanda do trabalho. Não são apenas habilidades ou valores da prescrição profissional, mas também atitudes, posicionamentos, ações e aprendizados. E, assim, os sujeitos não só aprendem com suas experiências, mas são capazes de produzir conhecimento com elas e se reinventar.

4.5 CENA V

Naturalmente o ser humano tem necessidade de se relacionar com outras pessoas, estabelecer vínculos e redes para sobreviver, é racional, afetivo, único. E o que confere sua peculiaridade é o fato de ser pluridimensional, complexo e um ser de cultura. É necessário considerar seus aspectos biológicos, psicológicos, espirituais e sociais (BORBA et al, 2011).

Com essa perspectiva de ser humano, Nise estimulava a participação e análise interdisciplinar ao convidar profissionais de diversas áreas. Esses contatos ampliavam o cuidado e a análise do trabalho dos pacientes, que às vezes passava despercebido pelo olhar médico. Assim, surgiam novos significados para a prática psiquiátrica além da conexão com as artes, que tornou o ateliê desenvolvido por Nise reconhecido no meio (CASTRO; LIMA, 2007).

Em outra cena do filme, quando Nise retira o paciente Lúcio da solitária e o leva ao STO, tem a ideia de fazer uma bola de queimada com suas próprias meias, na tentativa de construção de um vínculo com Lúcio. De longe, nota Almir, outro funcionário, observando o que está acontecendo e lhe convida a descer ao pátio para jogar com bola com eles. Almir responde que era perigoso estar ali embaixo junto com os pacientes, mas Nise insiste e Almir acaba descendo e brincando de bola com todos. Almir passa a frequentar e se interessar cada vez mais pelo trabalho de Nise e propõe que comecem a trabalhar com pintura. Almir consegue a doação de tintas e então eles iniciam os trabalhos com pinturas.

Almir traz ao ateliê a colega Martha, artista plástica, que relata seu interesse em conhecer o trabalho que estão desenvolvendo na Casa das Palmeiras. Nise sugere que ela se aproprie do tema para começar a trabalhar e contribuir com seu conhecimento no ateliê e lhe dispõe livros da área. Interessante citar que ao longo de sua carreira Nise prezou por embasar suas condutas na ciência, afastando o empirismo ao máximo possível, o que esta cena revela claramente.

Dito isso, ela convida Martha, Ivone e Almir, para se sentarem à mesa para discutirem casos. Esse momento reflete a importância do trabalho em equipe interdisciplinar e discussão de casos no próprio serviço, que Nise incentivou desde o início de sua atuação no Engenho de Dentro. Dessa forma, as pessoas envolvidas na assistência poderiam contribuir de forma ativa e direcionada no cuidado dos pacientes.

De acordo com Santos e Souza (2020) colocar o trabalho em análise produz momentos potentes, uma vez que permite colocar em foco o trabalho e as relações que os sujeitos estabelecem com ele. Tal atividade tem grande utilidade para transformar as realidades institucionais, já que o trabalho, entendido como um campo de formação permanente, torna os

sujeitos mais competentes, produz saber e conhecimento prático à medida que vivenciam situações singulares. Esse modo de fazer se dá por meio de análises coletivas do trabalho e valorização dos múltiplos pontos de vistas, além de promover inclusão, produzir movimentos que qualificam e ampliam o agir avaliativo, e contribui para potencializar técnicas, estratégias e espaços de participação dos sujeitos.

5. NISE: POTÊNCIA QUE INSPIRA NOVOS MODO DE FAZER

Ao analisar o personagem Lima desde o início do enredo percebe-se certa resistência ao trabalho de Nise. O primeiro sinal de sua resistência é quando se nega a sentar quando Nise propõe uma conversa entre eles para falar sobre as atividades do setor. O segundo sinal de resistência aparece quando se recusa se juntar à Nise e Ivone para limparem o setor para receber pacientes, dizendo que esta não era sua função. E assim, quando chegam os primeiros pacientes no STO, o personagem Lima repreende os internos, que estão dispersos, explorando o ambiente, ao que Nise lhe chama atenção e pede que deixe os pacientes livres, que eles iriam apenas observar. Em uma outra cena, o personagem Lúcio é levado por profissionais ao STO e recebido por Lima, que reluta em acolhê-lo: “é bagunça isso aqui agora, é?”, “deram um sossega nele?”. Após Almir levar o material de pintura e iniciarem as atividades com esta terapêutica, Otávio despeja um pote de tinta na cabeça de outro paciente, Lima chama Nise para mostrar o que está acontecendo e ela não se importa. Lima agora demonstra uma postura mais maleável e respeitosa que aquela demonstrada no início.

Os dias passam, Lima se envolve cada vez mais nas atividades propostas e parece começar a compreender a abordagem de Nise. Na cena onde funcionários fazem chacota ao ver Adelina e Otávio namorando no pátio, Lima aparece junto aos colegas, mas sua feição é de alguém que não se sente à vontade de participar daquele tipo de julgamento, tirando sarro dos pacientes. Provavelmente porque naquele momento ele já tenha mudando sua forma de pensar e de ver os pacientes com respeito. Ele, que no início do filme foi o organizador da briga de Lúcio com outro paciente, ganhando dinheiro com apostas dos outros funcionários e fazendo com que Lúcio fosse para solitária, agora os enxerga como pessoas e não animais. E a desconstrução do personagem continua, quando ocorre a cena de sua aproximação com o paciente Lúcio, que está vagando pelo pátio a espera de visita. Lima se senta e o chama, lhe oferece um cigarro, num sinal de empatia, de horizontalidade do cuidado. Lima chega ao STO com um cachorro adotado e o entrega a Lúcio, dizendo que este seria dele e que seria o responsável por lhe dar o nome. Durante o filme é possível observar como Lima se envolve ao longo do tempo com os pacientes e com as atividades, se permitindo abrir as novas

experiências. Ao final do filme Lima é apresentador da festa e chama Emygdio ao palco, outro paciente com quem fez vínculo, para anunciar sua alta hospitalar e sua escolha de viver dos seus quadros. Percebe-se a felicidade e o orgulho estampados no rosto de Lima

De acordo com Jesus (2015, pág. 165), Espinosa, importante filósofo do século XVII, definiu a noção de afeto como “as afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”.

A medida que se trabalhava, dentre outras técnicas, as relações de afeto consequentemente os funcionários envolvidos no contexto vivenciavam também as implicações da terapêutica proposta por Nise. Aos poucos também foram construindo uma visão mais humanista e, a partir daí, inovando, aperfeiçoando e cada vez mais conquistando adeptos ao novo modelo que surgia, centrado no paciente e não em procedimentos.

O poder do corpo está, portanto em sua disposição de ser afetado, poder que é tanto maior quanto maior é essa disposição e a complexidade do corpo (...) o que significa que a possibilidade de ser afetado de distintas maneiras, através das quais sua potência pode ser aumentada ou diminuída, é tanto maior. Embora a noção de ser afetado implique, em certa medida, sofrer e padecer, a potência de ser afetado, por si só, não constitui um entrave à potência de agir, pelo contrário, permite sua efetivação (JESUS, pg. 170 e 171; 2015).

A afetação causada pelo contexto que estavam inseridos permitiu que Lima e Almir, a partir de suas vivências na Casa das Palmeiras, aceitassem os desafios e provocações que surgiram pela nova abordagem terapêutica dos pacientes. Participaram ativamente das atividades realizadas, se envolveram no trabalho, aumentaram seu poder de agir e tornaram-se também potências no contexto da Reforma Psiquiátrica. A habilidade de se deixar afetar pelo ambiente, pelas situações, pelos pacientes e pelos outros colegas de trabalho trouxe a inspiração para que intervenções no serviço fossem feitas e obtiveram sucesso. Isso demonstra que a afetação contribui para que o deslocamento do poder de agir aconteça. São esses movimentos que colaboram para transformações e consequentemente, mudança de modelos.

A potência do homem – o que envolve tanto a potência de agir do corpo, quanto a potência de pensar da mente –, é tanto maior, quanto maior sua aptidão para o múltiplo simultâneo, ou dito de outra maneira, tanto mais age e menos padece, quanto maior for sua capacidade para afetar e ser afetado de inúmeras maneiras (JESUS, pg. 173; 2015).

O caráter libertário de Nise da Silveira, bem como a sua coragem e ousadia contribuíram para implementação de suas ideias e posteriormente, para que a Reforma Psiquiátrica fosse bem sucedida. Quando observamos sua trajetória é possível notar seu elevado nível de criatividade, inovação e promoção da humanização no tratamento psiquiátrico. Sua caminhada profissional, de mais de cinquenta anos, foi marcada por projetos difíceis. E nesse percurso, ela continuou a enfrentar o medicalismo e o biologicismo da psiquiatria, o que despertou diversos pontos de resiliência em sua carreira ao enfrentar pressões políticas, pessoais, sociais e profissionais. Seu posicionamento demonstra atitude transformadora que pressupõe olhar o mundo de forma apurada e crítica. Certa vez disse: “para navegar contra a corrente, são necessárias algumas qualidades raras: espírito de aventura, coragem, perseverança e, sobretudo, paixão”. (MELO; FERREIRA, 2013; OLIVEIRA; NAKANO, 2014).

Nise não tinha um plano de atividades e terapias definidos antes de iniciar seu trabalho no STO, ela entendia os pacientes como obra-prima e foi, a partir do trabalho colaborativo, da observação e respeito aos pacientes, de como expressavam livremente suas necessidades, que as ideias começaram a surgir e serem aprimoradas. Nesse processo, ela saiu da obediência, aceitou o desafio de trabalhar em um setor que tinha pouco reconhecimento social, com profissionais anônimos e tornou-se uma potência, buscando transformar o trabalho realizado em ciência. A criatividade e invenções no trabalho de Nise trouxe impacto para o espaço criado e reinvenções do fazer em psiquiatria. Apresentou possibilidades mais humanas ao trabalho em saúde mental, e se tornou resistência e inspirou mudanças. O trabalho ali realizado transformou não só os paradigmas instituídos, como também as pessoas que vivenciaram essa nova forma de trabalhar e “enxergar os doentes”, tornando-os profissionais potentes e criativos em seus modos de fazer e reverberando em suas capacidades enquanto seres humanos.

É possível se beneficiar dos caminhos, pistas e linhas de fuga que a história de Nise oferece, como exemplo a sua criatividade, empoderamento, trabalho em equipe e inventividade, conforme demonstrado ao longo do artigo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste artigo permitiu conhecer uma fase importante da trajetória profissional de Nise da Silveira, suas contribuições não só para a atenção psiquiátrica, mas principalmente, para Reforma Psiquiátrica brasileira. Possibilitou também uma aproximação com momentos importantes na história da Enfermagem Obstétrica no Brasil, como o modelo de atenção obstétrica se desenvolve, e a importância no processo de formação em Enfermagem Obstétrica nesse contexto.

Nise demonstrou que com coragem, conhecimento, resiliência, trabalho em equipe e paciência é possível pensar novas formas de enfrentar ou até mesmo mudar o que está instituído e as entraves que possam surgir no percurso. É preciso fazer ciência com o cotidiano vivido por profissionais e instituições, estimular discussões que coloquem o trabalho em análise. Quando se trata de mudança de modelo assistencial, essas características mostram-se fundamentais.

Os deslocamentos provocados à medida que se aprofundava na interpretação das cenas selecionadas, correlacionando com a temática proposta, propiciaram o despertar da autora para seu próprio processo de formação, como Residente de Enfermagem Obstétrica, no desenvolvimento de suas competências, seu modo de fazer e seu poder de agir.

Outro ponto interessante despertado foi a capacidade de colocar o trabalho em análise e realizar uma autocrítica sobre a postura profissional e as condutas a serem adotadas como líder e como integrante de uma equipe. Torna-se objetivo constante a qualificação para o cuidado às mulheres, bebês e famílias nos diversos contextos. Lutar pela mudança de modelo requer um modo de fazer ativo e comprometido e, nesse percurso, conquistar aliados.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR JM. Institutional violence in public maternity hospitals: the women's view. **Interface Comun Saúde Educ.** [Internet]. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000100007&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020
- ANDRADE, P. de O. N. et al. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 16, n. 1, 2016. em Recife, Pernambuco. Rev. Bras. Saude Mater. Infant., Recife , v. 16, n. 1, p. 29-37, Mar. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292016000100029&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020.
- ANTUNES, S. M. M. de Oliveira; QUEIROZ, M. de S.. A configuração da reforma psiquiátrica em contexto local no Brasil: uma análise qualitativa. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 1, p. 207-215, Jan. 2007 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2007000100022&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2007000100022>.
- BORBA, Letícia de Oliveira et al . A família e o portador de transtorno mental: dinâmica e sua relação familiar. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo , v. 45, n. 2, p. 442-449, Apr. 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000200020&lng=en&nrm=iso>. access on 25 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000200020>.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico **Política Nacional de Humanização**. Documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 4. ed. Brasília, 2008.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Humanização. Formação e Intervenção**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 242 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos HumanizaSUS; v.1). ISBN 978-85-334-1667-3.
- BRASIL. Portaria Nº 1.459, de 24 de junho de 2011. Ministério da Saúde. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Humanização do parto e do nascimento / Ministério da Saúde**. Ceará. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014. 465 p. : il. – (Cadernos HumanizaSUS ; v. 4). ISBN 978-85-334-2136-3.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS. **Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal - Relatório de Recomendação**. Brasília, 2016.
- CASTRO, E. D. de; LIMA, E. M. F. de A.. **Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira**. Interface (Botucatu), Botucatu , v. 11, n. 22, p. 365-376, Aug.

2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000200017&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA MINAS GERAIS (CRP-MG). **CRP-MG apoia Associação de Usuários em relação à utilização dos leitos do Hospital Psiquiátrico Galba Veloso para atenção ao Covid-19**. Postado em 16/04/2020 por CRP-MG. Disponível em: <https://crp04.org.br/crp-mg-apoia-associacao-de-usuarios-em-relacao-a-utilizacao-dos-leitos-do-hospital-psiquiatrico-galba-veloso-para-atencao-ao-covid-19/> Acesso em 10 Jun 2020.

GOMES, C. L.; BRITO, C. M. D. “Nise, o coração da loucura”: representações femininas em um filme sobre a terapêutica ocupacional. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, v. 27, n. 3, p. 638-649, 2019. ISSN 2526-8910. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1730>. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2526-89102019000300638&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020.

INAGAKI, AMD; et al. Fatores associados à humanização da assistência em uma maternidade pública. **Rev enferm UFPE**. Online., Recife, 12(7):1879-86, jul., 2018. Available from <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231395>>. access on 29 Jan 2020.

JESUS, PBMde; . **Considerações acerca da noção de afeto em Espinosa**. Cadernos Espinosanos. São Paulo n.33 jul-dez 2015. Estudos sobre o século XVII, n. 33 jul-dez 2015 issn 1413-6651, p.161-190. Available from <<http://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/105572>> access on 29 Jan 2020.

LANSKY, S. et al . Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 8, p. 2811-2824, Aug. 2019 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232019000802811&lng=en&nrm=iso>. access on 06 Apr. 2020. Epub Aug 05, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>.

LEAL, M.C. et al. Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual. **Cad. Saúde Pública**, v. 30, n. 1, p. 17-32, 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2014001300005&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020.

MELO, W.. (2010). A etimologia inspirada: a busca da língua original através da semiosis introvertida. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. 10. 10.12957/epp.2010.8929. . Available from <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8929>>. access on 29 Jan 2020.

MELO, W.; FERREIRA, A.P. Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam**. São Paulo, v. 16, n. 4, p. 555-569, dezembro de 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400005&lng=en&nrm=iso>. acesso em 19 de janeiro de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142013000400005>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Caderno do Curso de Aprimoramento em Enfermagem Obstétrica com foco na atenção ao parto e nascimento: qualificação dos processos de cuidado e de gestão (CAEO/PN/APICEON) / organizado por Kleyde Ventura de Souza [et al.] --112 p. il. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Coordenação Geral de Saúde das Mulheres do Ministério da Saúde, Brasil. Belo Horizonte: **Escola de Enfermagem da UFMG**, 2019. ISBN: 978-85-54827-02-1. Disponível em: <<https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/apice/publicacoes/>> Acesso em 15 jun 2020.

NASCIMENTO, L. C. do et al. Relato de puérperas acerca da violência obstétrica nos serviços públicos. **Rev. enferm. UFPE** on line, v. 11, n. supl. 5, p. 2014-2023, 2017. Available from <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/23355/18974>>. access on 29 Jan 2020.

NETO, J. O. Do N. et al. Violência obstétrica como violência de gênero e violência institucionalizada: breves considerações a partir dos direitos humanos e do respeito às mulheres. **Cadernos da Escola de Direito**, v. 2, n. 25, p. 48-60, 2016. Available from <<https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisevinci/article/view/1107>>. access on 29 Jan 2020.

NIY, DY, et al. **Como superar a cultura da imobilização física das parturientes? Resultados parciais de estudo de intervenção em São Paulo**. SP, Brasil. Interface (Botucatu). 2019; 23: e180074 Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/Interface.180074>>. Acesso em: 19/01/2020.

OLIVEIRA, P. F. de; MELO JUNIOR, W.; SILVA, M. V.. Afetividade, liberdade e atividade: o tripé terapêutico de Nise da Silveira no Núcleo de Criação e Pesquisa Sapos e Afogados. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 12, n. 1, p. 23-35, abr. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000100003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 jan. 2020.

OLIVEIRA, M. A. de; NAKANO, T. de C.. Criatividade e resiliência na vida de Nise da Silveira. no Brasil., Rio de Janeiro , v. 14, n. 2, p. 497-523, ago. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 jan. 2020.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Assistência ao Parto Normal: um guia prático**. Genebra: OMS, 2000, 93 p. Disponível em <http://www.saude.mppr.mp.br/arquivos/File/kit_atencao_perinatal/manuais/assistencia_ao_parto_normal_2009.pdf>. acessos em 19 jan. 2020.

PASCHE, D.F., et al. Humanização da atenção ao parto e nascimento no Brasil: pressupostos para uma nova ética na gestão e no cuidado. **Rev Tempus Actas Saúde Col**, 2010. Disponível em <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/838>>. acessos em 19 jan. 2020.

PEDROSO, CNLS; LÓPEZ, LC. À margem da humanização? Experiências de parto de usuárias de uma maternidade pública de Porto Alegre-RS. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 27 [4]: 1163-1184, 2017. Available from

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312017000401163&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020.

PEREIRA, A. L. de F. et al. **Legislação Profissional e Marcos Regulatórios da Prática Assistencial da Enfermeira Obstétrica no Sistema Único de Saúde**. Rio de Janeiro: Centro de Estudos da Faculdade de Enfermagem da UERJ, 2010. 164 p. il., tab. ISBN - 978-85-63901-01-9. Available from <http://www.fametro.com.br/downloads/manuais-biblioteca/legislacao_profissional_e_marco_regulatorio.pdf>. access on 29 Jan 2020.

SÁ, AMP de; et al. O direito ao acesso e acompanhamento ao parto e nascimento: a ótica das mulheres. **Rev enferm UFPE** online., Recife, 11(7):2683-90, jul., 2017. Available from <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/23440/19140>>. access on 29 Jan 2020.

SANDALL, J.; et al. Midwife-led continuity models versus other models of care for childbearing women. **Cochrane Database Syst Rev.**, v. 28, n. 4, 2016. Available from <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27121907/>>. access on 29 Jan 2020.

SANTOS, S. B. e SOUZA, K. V. de. Metodologia para articular processos de formação-intervenção-avaliação na educação profissional em enfermagem. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 25, n. 1 [Acessado 4 Abril 2020] , pp. 79-88. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.28322019>>. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.28322019>.

SARTORI, L.. Arte e inovação: reflexões a partir do filme Nise, o coração da loucura. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 70, n. 2, p. 56-59, Apr. 2018 . Available from <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252018000200014&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Jan. 2020. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602018000200014>.

SOCORRO, T. de C.; MATOS, A. O.; MACHADO, J. B. H.. **A violência obstétrica como afronta ao princípio da dignidade da pessoa humana e a necessidade de implementação de políticas públicas específicas no Brasil**. In: Anais do Congresso Internacional de Direito Público dos Direitos Humanos e Políticas de Igualdade. 2018. Available from <<http://www.seer.ufal.br/index.php/dphpi/article/view/5830>>. access on 19 Jan. 2020.

SOUZA A. M. M., et al. Práticas na assistência ao parto em maternidades com inserção de enfermeiras obstétricas, em Belo Horizonte, Minas Gerais Escola Anna Nery 20(2) Abr-Jun 2016. DOI: 10.5935/1414-8145.20160044. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000200324&lng=en&nrm=iso>. access on 29 Jan 2020.

SANTOS, S. B. e SOUZA, K. V. de. Metodologia para articular processos de formação-intervenção-avaliação na educação profissional em enfermagem. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 25, n. 1 [Acessado 4 Abril 2020] , pp. 79-88. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020251.28322019>>. ISSN 1678-4561.

WHO. Pregnancy, childbirth, postpartum and newborn care : a guide for essential practice. **Library Cataloguing-in-Publication Data**. At head of title: Integrated Management of Pregnancy and Childbirth..World Health Organization. ISBN 92 4 159084. Intrapartum care

for healthy women and babies: Clinical guideline. London. National Institute for Health and Care Excellence (NICE); 2014. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/249580/9789241549356-eng.pdf;jsessionid=85DDE4D68CAC0548F73647865A1FFB4C?sequence=1>. access on 29 Jan 2020.

WHO. Recommendations: intrapartum care for a positive childbirth experience. Geneva: World Health Organization; 2018. Licence: CC BY-NC-SA 3.0 IGO. fe, 11(7):2683-90, jul., 2017. Available from <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/260178/9789241550215-eng.pdf?sequence=1>. access on 29 Jan 2020.